

## URUGUAIANA: A ESTÂNCIA COMO FRONTEIRA

Ronaldo Bernardino Colvero\*  
Luiz Francisco Matias Soares\*\*

**RESUMO:** O presente artigo propõe uma análise da formação do espaço social e seus componentes, bem como a constituição das mentalidades e identidades do Brasil Meridional, mais precisamente onde hoje é a Cidade e município de Uruguaiana, fronteira sudoeste do estado do Rio Grande do Sul com a Argentina, até os anos da década de 1930, período em que se está no auge do coronelismo, ao mesmo tempo que ocorre a ascensão do “getulismo” no Brasil. Buscamos aqui privilegiar o processo de construção de suas mentalidades e as influências na formação da sociedade. Através do retrospecto, a fundação do espaço urbano, procuraremos entender como foi possível a consolidação, como se originaram e como os atores sociais sofreram e sofrem influências, pois consideramos de extrema importância para uma sociedade, conhecer-se. Não objetivamos neste processo investigativo esgotar o assunto ou estabelecer uma conclusão definitiva, mas sim contribuir, junto a outros trabalhos já apresentados, para a ampliação da análise social e histórica. O que consideramos, tornar nossa proposta relevante.

**Palavras-chaves:** Mentalidades; Gaúcho; Fronteira; Uruguaiana.

### INTRODUÇÃO

Iniciamos nossa análise nos acontecimentos ocorridos após a chegada ao Brasil da família real portuguesa, em 1808, e concomitantemente, com a transferência da Corte Real de Portugal para o Rio de Janeiro. Fixamo-nos na distribuição por doação ou venda das Sesmarias<sup>1</sup> na porção meridional do continente, nos idos de 1814 e 1816, e na continuidade do povoamento branco da região. As terras distribuídas aos sesmeiros, já haviam sido disputadas, anteriormente, na fundação das missões jesuíticas ao sul em 1626, originárias da Companhia de Jesus<sup>2</sup>.

Estas disputas se deram entre as coroas espanhola e portuguesa, dentro de suas estratégias de dominação e como resultado de acertos e desacertos na posse e manutenção das terras.

---

\* Doutor em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, pelo Programa de Pós-graduação em História da PUCRS. Professor adjunto do curso de Ciência Política da UNIPAMPA, Campus de São Borja.

\*\* Professor licenciado em História pela PUCRS – Campus de Uruguaiana.

<sup>1</sup> “Terrenos inclusos ou abandonados, entregues pela monarquia portuguesa, desde o século XIII, às pessoas que se comprometiam a colonizá-los(...) Uma sesmaria media em regra, cerca de 6.500m<sup>2</sup>. No Brasil, adquirem feição peculiar, transformando-se em grandes latifúndios, reflexos de doações generosas da monarquia portuguesa.” Ver AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. São Paulo: Nova Fronteira, 1990. p. 358.

<sup>2</sup> Fundada e organizada por Ignácio de Loyola, em agosto de 1534, baseados na redução e conversão dos índios a fé cristã. Ver mais em: COLVERO, Ronaldo. *Negócios da Madrugada: o comércio ilícito na fronteira do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: UPF Editora, 2004. p.19-27.

As duas coroas em constantes choques selam, em 1777, o tratado de Santo Ildefonso<sup>3</sup> e, no ano de 1801, os portugueses, liderados pelos estancieiros Manuel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto, conquistam as Missões orientais, iniciando a definir a fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

As sesmarias, na região onde hoje é Uruguaiana, começam a ser distribuídas em maior escala a partir de 1814, conforme Raul Pont, “a concessão de sesmarias poderia ser um prêmio ou merecido galardão. Entretanto o domínio e a posse da área pretendida exigiam muitas vezes o sacrifício da própria vida”<sup>4</sup>.

Nas sesmarias que, de início, eram delimitadas por acidentes geográficos (rios, matas, coxilhas e etc.), com o cercamento das terras e o arrebanhamento do gado *vacum*, se desenvolve a economia voltada para a pecuária. Corre a notícia no Brasil acerca da riqueza pastoril e da possibilidade de grandes ganhos.

Em 1831, a Regência cria a Guarda Nacional<sup>5</sup> e distribui entre os estancieiros e ricos comerciantes, patentes militares. Para o proprietário da grande propriedade é geralmente destinado o posto de coronel e, devido ao distanciamento da autoridade institucional do governo, além das terras, também é delegada a autoridade legal do local, estabelecendo-se assim as bases para o Coronelismo.<sup>6</sup>

A partir da Lei de Terras, em 1850, as terras passam a possuir caráter legal. Contribuindo ainda mais para firmar as fronteiras.

Na formação do contingente populacional desta região, além do sesmeiro branco, português e o espanhol, havia o índio (Charruas, Minuanos, Guaranis e etc.), primeiro habitante e verdadeiro donatário de origem. Nas então incipientes fronteiras do sul do Império têm-se o elemento miscigenado.

---

<sup>3</sup> Tratado tinha como objetivo a troca das Missões e da Colônia do Sacramento pela Ilha de Santa Catarina e a renúncia à navegação nos rios da prata e Uruguai por parte de Portugal. COLVERO, 2004, p. 19-27.

<sup>4</sup> PONT, Raul. *Campos realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 1983.v II. p. 556.

<sup>5</sup> A Guarda Nacional foi criada em 18 de agosto de 1831, pela Regência, a fim de transformar o latifúndio em posto militar para salvaguardar as fronteiras Brasileiras. CARONE, Edgar. *Coronelismo: Definição, Histórica e Bibliográfica*. Rio de Janeiro: Revista Adm. Emp., 1971. p. 85-93.

<sup>6</sup> A palavra Coronelismo define as praticas dos mandatários locais identificando-os como os homens bons (ricos) quando nas regiões das sesmarias praticamente inexistente a ação do Estado. Segundo Edgar Carone, em *Coronelismo: Definição Histórica e Bibliográfica*, relata que a eles caberá durante o Império e até na Republica o (...) arrego no direito de todos os atributos legais. Idem.

*“Los portugueses que habian fomentado la cria de gauchos fueron los primeiros en sufrir sus consecuencias. [...] aprendieron, es verdad, todas las artes gauchas para la vida pastoril, pero tambien adquiriraon todas lãs manãs y vícios gauchescos”*<sup>7</sup>

Aqueles se tornaram ameaça constante, pois além das invasões permanentes por outros países do Prata, aquela fora uma

*“época em que os bandos armados cruzavam os campos desta zona do Rio grande, saqueando as estâncias e matando a todos que intentassem obstruir o seu propósito. Eram legítimos mestiços de portugueses com índias, homens completamente sem escrúpulo de qualquer natureza.”*<sup>8</sup>

Assim, nos primórdios da estância é apontada a autoria de assaltos cometidos pelos bandoleiros *guachos* ou *gauches*<sup>9</sup>, os que colocavam em risco a segurança das estâncias.

Consideramos, assim, que os *guaches*, que de início viviam soltos, dormindo sob toldos de couro cru e sem paradeiro nem destino, aos poucos foram se mesclando aos arregimentados nas milícias dos latifúndios<sup>10</sup>, originando os gaúchos.

*“La palabra [...] ‘guascho’ serviria para distinguir al individuo que se bastaba a si mismo, carente de padre conocido y em ocasiones hasta de madre [...] sinónimo de bastardo, hasta el puente de que la simples imputación amistosa hacia llevar instintivamente la mano al cuchillo, y es todavia una injuria gravisima [...] se descompusiera em dos significados distintos, ‘gaucho’, nombre que se dió así mismo el mestizo con orgullo porque [...] guacho se definió despectivamente para el hijo de nadie, y gaucho para el mestizo valiente.”*<sup>11</sup>

Estes, além de trabalharem na lida campeira da estância, serviriam como guarda armada e na manutenção da fronteira a serviço dos estancieiros. Assim, os gaúchos, acima

---

<sup>7</sup> CONI, Emidio A. *apud* VILLELA, Urbano Lago. *Atalaia da Pátria*. O homem, o meio e a história. 2. ed. Canoas: La Salle, 1970. p. 34.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 35.

<sup>9</sup> Termo de cunho pejorativo, denominava o povo anterior à formação das fronteiras no Rio Grande do Sul, formado pelo elemento Índio mais o Espanhol e o Português. Cf. *Ibid.* p. 34-35.

<sup>10</sup> Grande propriedade rural com áreas não cultivadas e ou onde se pratica alguma cultura não dispendiosa. Ver INSTITUTO Antônio Houaiss. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 455.

<sup>11</sup> COBIERE, Emileo P. *apud* VILLELA, Op. Cit. p. 37.

mencionados, se formaram sob o jugo dos latifundiários e das suas ideologias elitistas, “fora a ideologia da elite rural, que ao tomar forma, serviu para manter o poder econômico e estatal do grande latifundiário no Rio Grande do Sul”<sup>12</sup>.

Na organização e fundação do espaço urbano constatamos que Uruguaiana desde muito se desenvolvera de forma esplêndida, mas sempre na sequência de enfrentamentos ou situações dramáticas para sua população, assim foi o motivo de sua fundação.

A cidade de Uruguaiana nasceu no período de uma Guerra<sup>13</sup>, esta terra foi gestada no útero “farrapo”, sendo assim idealizada pela estratégia da República rio-grandense,

*“Logo depois de criada a primitiva povoação de Santana Velha, - que por certo aproveitou os velhos arranchamentos orientais, já encontrados por Saint’Hilaire – sediou-se aí um Destacamento volante que pertencia ao segundo Distrito de Alegrete, onde já estava a sede do Governo da República Farroupilha. Aí se exercia o controle fiscal, ....até os primeiros anos da Vila, quando já mudada para o Capão do Tigre, com o nome de CAPELA CURADA DO URUGUAI. Esta, quando instituída em Vilamento, se transforma em URUGUAIANA, por decreto do Governo Farrapo.”<sup>14</sup>*

Domingos José de Almeida<sup>15</sup>, escolheu o local às margens do rio Uruguai, constituindo em 24 de fevereiro de 1843 um posto de fiscalização para o combate ao contrabando e mais estrategicamente como porta necessária às tropas da república rio-grandense.

Da Capelinha construída em homenagem a Nossa Senhora de Santana, originou-se o povoado que velozmente foi crescendo, favorecido pelas transações econômicas com Argentina e Uruguai, países que lhe faziam fronteira. É elevada em 1846, por lei, primeiro, a

---

<sup>12</sup> GOLIN, Tau. *A ideologia do gauchismo*. 3. ed. Porto Alegre: Tchê, 1983.

<sup>13</sup> (1835-1845, Revolução farroupilha, pela insatisfação de parte dos fazendeiros da Província de São Pedro, devido às altas taxas com sal, prejuízos no negócio do charque, a falta de ressarcimentos com despesas de tropas e o isolamento junto ao Poder Central. Embora consideremos que o povo fosse profundamente distante dos seus fatores geradores).

<sup>14</sup> PONT, 1983, p. 115.

<sup>15</sup> Embora nunca tenha comparecido pessoalmente *in loco*, foi o fundador da cidade de Uruguaiana e era, ministro do presidente da república rio-grandense, General Bento Gonçalves da Silva.

sede de novo município, separando-se de Alegrete e, a 29 de maio do mesmo ano, passa à categoria de vila.

Uruguaiana foi projetada e construída com quadras e ruas largas, e o casario logo se proliferou chegando, ainda naquela época, a ter mais de cem casas habitadas à custa das atividades pastoril e comercial, que das Estâncias geravam grande parte da sua riqueza.

Eis que a guerra e os enfrentamentos cruzam novamente o destino de Uruguaiana, desta vez com trágicos desdobramentos. Em 5 de agosto de 1865, a vila de Uruguaiana, com 450 residências e 2.500 habitantes<sup>16</sup>, foi invadida e tomada pelas tropas Paraguaias comandadas pelo coronel Antonio de La Cruz Estigarribia<sup>17</sup>, por conta da guerra entre os aliados: Argentina, Brasil e Uruguai contra o Paraguai. A ofensiva pelo Paraguai se deu com 7.300 homens, enquanto Uruguaiana contava para sua defesa com 380 homens comandados pelo Capitão Joaquim Antonio Xavier do Vale, o Tenente Floriano Peixoto e, ainda, dentre eles um piquete de voluntários vanguardados pelo Coronel Bento Martins de Menezes. Uruguaiana foi arrasada pelo exército Paraguaio. Durante 45 dias seguiram-se saques, degolas e incêndios. Aqueles que ficaram e escaparam das lâminas assistiram suas moradias, casas de negócios, lojas e comércios pilhados e queimados; seus poços artesianos obstruídos ou envenenados – verdadeira terra arrasada. Ato triste na história, até a retomada da vila com a interposição das tropas do império e auxiliares e a rendição de Estigarribia<sup>18</sup>.

No nosso entendimento, com certeza no entardecer vermelho daqueles dias, pairava entre a fumaça dos entulhos o cheiro da morte, sendo a herança que no imaginário coletivo penetrou e lá se gravou de forma a nunca mais sair.

Outro elemento que contribuiu fortemente para a formação do espaço foi o negro, importante como elemento constituinte na formação social, como mão de obra escrava e também como formador cultural.

O tráfico negreiro para o Brasil, no período de 1560 a 1850, resultou num contingente de na ordem de quatro milhões e meio a seis milhões de homens, de diversas nações africanas (entre elas: Nagô, Gê, Iorubá, Bantu e Mina) destinada à mão-de-obra nas plantações de cana, café, algodão, minas de ouro e diamante e, também, ao sul nas Estâncias de gado<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> Cf. VILLELA, 1965, p. 85.

<sup>17</sup> Comandante militar Paraguaio, responsável pelas ofensivas militares a São Borja, Itaqui e Uruguaiana.

<sup>18</sup> Cf. VILLELA, especialmente Cap.VI - Tomada e Cerco da Vila de Uruguaiana.

<sup>19</sup> Ver mais Guimarães, Antônio. Classes, Raças e Democracia. São Paulo. Ed 3, 2002. p 118.

Assim se deu a inserção do negro: *a fórceps*, como escravo na região sul do Brasil; em diversas tarefas servis, nas zonas urbanas, e como mão-de-obra do negócio do Charque, na Estância, no século XIX. Segundo Maestri:

*“a charqueada foi essencialmente movida pelo braço do homem negro escravizado. Ainda não havia condições para uma classe de trabalhadores assalariados. A produção de charque exigia um trabalho intenso, pesado e prolongado. Somente baixas despesas e nenhum salário garantiriam altos lucros. O trabalhador livre, naqueles tempos de fronteiras amplas, preferia viver como ‘vagabundo’ a trabalhar sob tais condições, para o charqueador, o trabalho compulsório do negro escravizado era melhor, se não única, alternativa. As condições de trabalho em uma charqueada escravista eram duras. Prática sazonal, nos períodos em que não havia a produção de charque o escravo também trabalhava em olarias e demais lidas, e nos períodos de produção as jornadas de trabalho eram superior a 14 horas por dia. Muitas vezes o negro literalmente desfalecia de cansaço e sono sem afastar-se de suas tarefas. Era então transportado para um barracão pulguento onde ficavam os enfermos. Lá poderia dormir um pouco, até que o feitor viesse acabar com sua ‘malandrice’ [...]”<sup>20</sup>*

Ao contrário de Mario Maestri, os relatos de viajantes como Saint Hilaire demonstram que embora houvesse grande quantidade de escravos no Rio Grande do Sul, estariam os mesmos em outras regiões, excetuando as margens do rio Uruguai nas proximidades das Missões, onde o uso da mão de obra indígena era mais econômica se comparada à negra, isso ocorria devido a abundância de índios e as formas de submissão “oito patacas por mês”.<sup>21</sup>

Fernando Henrique Cardoso, em sua obra “Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional”, faz críticas a historiadores que defendem a “Democracia Racial Gaúcha”, baseada tão-somente em parte de relatos de viajantes que por aqui passaram. A questão é que as demais partes dos relatos que não lhes convém citarem são omitidas. Fernando Henrique Cardoso dirá que: “*como ideologia, além de não compreender as condições reais de existência social, é formalmente contraditória nela mesma: supõe uma relação entre*

---

<sup>20</sup> MAESTRI, Mario. *O Escravo Gaúcho: resistência e trabalho*. Porto Alegre: Mercado Aberto 1989. p. 45.

<sup>21</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997. p. 267.

*senhores, escravos, agregados que é, ao mesmo tempo, autocrática e democrática, senhorial e igualitária*<sup>22</sup>.

Os levantamentos feitos nas observações de viajantes como Saint Hilare, Arséne Isabelle, Luccok e outros, foram muito utilizados por historiadores para fundamentar ideologicamente uma Estância sem mão de obra escrava. Os autores que defendem tal modelo criam o mito da “democracia racial” e partem para a suposição de mão-de-obra livre, como regra geral.

Desta forma, incluímos aqui a importante participação afro-descendente no processo de economia pré-capitalista da Fronteira-oeste, como mão-de-obra que ajudou a enriquecer o Estancieiro Coronel, assim como sua contribuição na construção da identidade de Uruguaiana. Fora importante a herança cultural trazida pelo negro-cativo da África, estabelecida na resistência, não só por fugas, suicídios, abortos, mas, também, pela especialização no trabalho, na astúcia, na bravura (quando se fez necessário a inclusão dos negros na Revolução Farroupilha), ou na simples manutenção de suas vidas com seus rituais sincréticos. Isso se fez por meio de negociação e conflitos no dia-a-dia.

*“No Brasil como em outras partes, os escravos negociaram mais do que lutaram abertamente contra o sistema. Trata-se do heroísmo prosaico de cada dia. Apesar das chicotadas, das dietas inadequadas, da saúde seriamente comprometida ou do esfacelamento da família pela venda, os escravos conseguiram viver o seu dia-a-dia, [...] relativamente poucos, na verdade, assassinaram seus senhores, ou participaram de rebeliões, enquanto que a maioria, por estratégia, criatividade ou sorte, ia vivendo da melhor forma possível. Como verbalizaram os próprios escravos [...] ‘os brancos fazem como gostam, os pretos, como podem’”<sup>23</sup>*

Diante das pressões contrárias ao escravismo, diversas vezes impostas pela Inglaterra da Revolução Industrial para com a Monarquia Brasileira, o tráfico negreiro, por ser um obstáculo aos interesses econômicos burgueses, vai também ser combatido por elementos abolicionistas nacionais e, aos poucos, reduzindo-se, e isso também afeta a Charqueada que

---

<sup>22</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e Escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata no Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 115.

<sup>23</sup> REIS, João José. *Negociação e Conflito: A resistência negra no Brasil Escravista*. São Paulo: Schwarcz, 1989. p. 14.

produzia o principal alimento da mão-de-obra escrava de todo o Brasil. Tornando a manutenção de escravos dispendiosa para os Estancieiros.

Em 31.12.1884, Uruguaiana, antecipando-se à proclamação da Lei Áurea (ano de 1888), efetua a abolição da escravidão no território Municipal, conforme Ata da Sessão Extraordinária Comemorativa da Redenção dos Escravos da Cidade e Município de Uruguaiana. A esta altura vê-se uma crescente imigração européia em todo o Rio Grande do Sul, principalmente de franceses, alemães e italianos que, somado aos de origem portuguesa preexistente, vieram também, constituir-se em Uruguaiana.

Ex-escravos e seus descendentes, ainda que marginalizados, compõem o contingente urbano no início do século XX, que procurara sociabilizar-se, mais intensamente nos anos 30, e no período do Estado Novo (1937), com a onda nacionalista Vargasista.

É o que poderemos observar em Uruguaiana, com o desenvolvimento urbano, o imaginário e a política do coronelismo no século XX. Neste período, assim como no Brasil e no Mundo, o desenvolvimento de fábricas e o florescimento de zonas urbanas se acentuam vertiginosamente.

Em Uruguaiana os comerciantes, que há tempos rivalizavam com os Estancieiros no controle econômico e social, comemoram a instalação da estrada de ferro, que se soma à navegação pelo rio Uruguai, e a aproxima mais de outros centros urbanos do *Prata*.

Eis que vinte e cinco anos depois de tornar-se cidade, Uruguaiana, o desenvolvimento tanto no meio urbano, quanto nas estâncias se destacava:

*“em 1901, contava com uma linha de vapores com escalas regulares nas povoações argentinas de Concepción, Monte Caseros, Libres, La Cruz, Sam Martin, Alvear e Santo Tomé e as cidades brasileiras de São Borja, Itaqui e Uruguaiana. Havia uma linha de navegação pelo Ibicuí, da firma Bárbara e Filhos, até Cacequi, onde se estabelecia a ligação com a capital do Estado. Além disso, numerosas lanchas navegavam permanentemente entre Uruguaiana e Paso de los Libres. A principal atividade econômica de Uruguaiana era a pecuária, mas algumas indústrias ali se desenvolveram....nasceram na cidade. As fábricas e oficinas atingiram, naquela época, o número de cento e trinta e oito [...]. A chegada da máquina com toda a equipe é uma festa [...] Uruguaiana conhecida como ‘capital da lã’ [...] Alguns fazendeiros do município, em*

*1901, adquiriram em Montevideú, animais de raça. Setenta reprodutores das raças Hereford, Duran e outras foram importados.*<sup>24</sup>

Conforme a historiadora Lúcia Silva e Silva<sup>25</sup>, o desenvolvimento da cidade iria trazer, junto com o aumento populacional, uma grave conseqüência para a população, que em 1920 já era de 14.868 habitantes e possuía 2.644 prédios, 29 fábricas, dois saladeiros e oficinas: as pestes como tifo, varíola, tuberculose, sífilis e, mais assustadoramente, a bubônica, que aterrorizou a todos durante seis meses, matando 102 vítimas. A doença veio da cidade argentina de Concórdia, exportadora da farinha que abastecia Uruguaiana, onde além da farinha aportavam suas embarcações inçadas de ratos.

Com isto, uma vez mais, Uruguaiana enfrenta o quadro da dor e do sofrimento que, somado aos enfrentamentos bélicos e o mando dos Coronéis Estancieiros, com certeza se cristaliza nas imagens construídas no universo do imaginário da população.

No período da República Velha, este fator de desenvolvimento é entremeado pela questão Federalista iniciada anteriormente em 1893, quando as tensões se elevam no sul do País. Uruguaiana, novamente, se vê em meio a questões bélicas, desta vez tendo de um lado os Pica-paus<sup>26</sup>, e, do outro, os Maragatos, contrários à constituição rio-grandense, que exigiam um plebiscito para assentar o Parlamentarismo e o Federalismo como forma de governo.

O conflito tomou enormes proporções e rapidamente ecoou no centro do País de forma que o presidente do Brasil, Floriano Peixoto, enviou tropas para auxiliar Júlio de Castilhos, do Partido Republicano Rio-grandense. No enfrentamento, os combates se deram de forma sangrenta, tendo como saldo final pelo menos 10.000 mortos e diversos feridos, além de estabelecer-se o uso da prática da degola de prisioneiros por ambas as correntes. Comprovadamente, a 23 de novembro de 1893 em Bagé, 300 prisioneiros legalistas são degolados *de orelha-a-orelha* pelos Maragatos<sup>27</sup>. Ato contínuo, em 5 de abril, os Pica-paus retribuem com 250 execuções de maragatos. Esta técnica se assemelhava à usada na prática campeira de abatimento de ovelhas, também comum ao povo da fronteira. Villela diz que:

---

<sup>24</sup> SILVA, Lucia Silva e. *Uruguaiana e os Coronéis*. Porto Alegre: L.S.S. Evangraf, 2001. p. p. 20-21; 23-24.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p.35.

<sup>26</sup> Pica-paus - legalistas que apoiavam o presidente da República rio-grandense, Júlio de Castilhos, assim nominados em razão de seus chapéus, de ponta fina e comprida, com listras brancas, lembrando uma ave silvestre comum no Rio Grande do Sul.

<sup>27</sup> Maragatos – nome dado aos sulistas que iniciaram a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul em 1893, em protesto a política exercida pelo governo federal representada na província por Julio de Castilhos . Os maragatos eram identificados pelo uso de um lenço vermelho no pescoço.

“Durante a Revolução de 93 – Revolução Federalista – um contingente revolucionário que se havia apoderado do povoado da Barra do Quarai e marchava sobre Uruguaiana, foi desbaratado nas imediações do arroio Salso de Baixo, pelas forças republicanas.”<sup>28</sup>

Uruguaiana, em 1923, vê reeditar-se o conflito de 1893, desta vez por conta da reeleição de Borges de Medeiros e os Ximangos <sup>29</sup>, como ficaram conhecidos, ao governo do Rio Grande do Sul, o que é contraposto pelos rebeldes Maragatos, tratava-se de uma revolução no sentido de evitar a perpetuação do PRR, os coronéis dividem-se entre aqueles que apoiavam a reeleição e aqueles que queriam mais liberdade. As tensões são relatadas novamente por Villela:

*“Durante o movimento revolucionário de 1923, Uruguaiana foi sitiada por tropas do caudilho revolucionário Honório Lemes, permanecendo o cêrculo do dia 4 de abril de 1923 a 7 do mesmo mês e ano, quando tropas se retiraram sem tentar a tomada da cidade que estava fortemente guarnecida por forças sob o comando do General Jose Antonio Flores da Cunha”<sup>30</sup>*

Neste período, destaca-se a atuação de coronéis oligarcas ligados aos principais segmentos políticos do município e uma interação de diversos nomes importantes que fariam o seu último momento de hegemonia, tais como: Flodoardo Silva, Osvaldo Aranha, Flores da Cunha e Batista Luzardo, entre outros, todos estancieiros da região oeste, com grandes propriedades e influência direta na política gaúcha, e, que a nível nacional, rivalizavam com paulistas e mineiros.

Os eventos se desenrolam até 1930, com o final da Política Nacional de revezamento no poder, intitulada de *Café com Leite*, já que São Paulo quebra o pacto com Belo Horizonte e resolve apoiar novamente um paulista na Presidência. Com a revolução, Getúlio Vargas, gaúcho, também estancieiro, originário da fronteira-oeste, com o apoio de Minas Gerais, chega ao poder e institui-se um governo provisório. Embora no Palácio do Catete, usando

---

<sup>28</sup> VILLELA, 1970, p. 64.

<sup>29</sup> Ximangos - partidários gaúchos do Partido Liberal receberam a alcunha pejorativa de "ximangos", em alusão à ave de rapina, e faziam oposição ao Partido Conservador. A partir de 1842 os liberais dividiram-se entre ximangos e luzias. Após a Proclamação da República os federalistas apelidaram os governistas de ximangos. Identificavam-se por lenço branco envolvendo o pescoço; seus antagonistas regionais eram os maragatos, de lenço vermelho. Na Revolução de 1923, no Rio Grande do Sul, eram chamados os adeptos de Borges de Medeiros, que tentava a reeleição ao governo do estado, com o apoio do governo central. Borges de Medeiros foi chamado satiricamente de Antônio Chimango, em obra literária atribuída a Ramiro Barcelos publicada sob a pseudo-autoria de Amaro Juvenal.

<sup>30</sup> VILLELA, Op. Cit. p. 64.

sapatos de verniz, Getúlio ainda mantinha no seu armário ideológico as botas sujas de barro que tradicionalmente usava na estância.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. São Paulo: Nova Fronteira, 1990.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e Escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata no Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CARONE, Edgar. **Coronelismo: Definição, Histórica e Bibliográfica**. Rio de Janeiro: Revista Adm. Emp., 1971.

COLVERO, Ronaldo Bernardino. “Capitalismo na Campanha: O caso de Uruguaiana.” **Hífen**, nº47/48 PUCRS: Uruguaiana, 2001.

\_\_\_\_\_. **Negócios da Madrugada: o comércio ilícito na fronteira do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.

GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1983.

MAESTRI, Mário. **O Escravo Gaúcho: resistência e trabalho**. Porto Alegre: Mercado Aberto 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **RS: cultura & ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980

\_\_\_\_\_. **República velha gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980

PONT, Raul. **Campos Realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Renascença, 1983. vol. I.

\_\_\_\_\_. **Campos Realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Renascença, 1985. vol. II.

REIS, João José. **Negociação e Conflito: A resistência negra no Brasil Escravista**. São Paulo: Schwarcz, 1989.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

SILVA, Lucia Silva e. **Uruguaiana e os Coronéis**. Porto Alegre: L.S.S. Evangraf, 2001.

VILLELA, Urbano Lago. **Uruguaiana, Atalaia da Pátria: o homem, o meio e a história**. 2ed. Canoas: La Salle, 1965.

DURKHEIM, Émile. **Os pensadores:** As regras do Método Sociológico. SP: Abril Cultural, 1983.

FLORES, Moacyr. **Modelo político dos farrapos:** as idéias políticas da Revolução farroupilha. Porto Alegre, Mercado Aberto: 1982.

GUIMARÃES, Antonio. **Classes, Raças e democracia.** São Paulo: 34, 2002.

ISABELLE, Arsene. **Viagem ao Rio do Prata e ao Rio Grande do Sul.** Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1949.

LAPLANTINE, François. **O que é Imaginário.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003.

LEGOFF, Jaques. **A História Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PORTELLA, Giovani. **Das “Terras de Ninguém” à vila de Uruguaiana.** Revista Oficina de História, n. 3. PUCRS, Uruguaiana, 2003.